



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/rededcmc-residencias-artisticas/>

Rede Latino-Americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas investe em residências artísticas

Por: Emanuely Miranda

Editora: Susana Dias

As residências artísticas apostam na multiplicidade e na conexão de pensamentos e práticas

A Rede Latino-americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas reúne pesquisadores e pesquisadoras das humanidades, artes e comunicações a fim de pensar a questão do clima no tempo presente. Entre suas iniciativas, encontram-se as residências artísticas, cujo objetivo consiste em engajar artistas e cientistas na produção de pensamentos e criações que lidam com as mudanças climáticas, com os estudos multiespécies, com ontoepistemologias que desafiam a racionalidade ocidental.

A primeira delas foi a residência artística [Seguir os Sapos](#), que ocorreu em março de 2023 selecionando duas artistas, Silvana Sarti e Rosana Torralba, para uma imersão em modos de viver e pensar junto aos sapos a partir da experiência de herpetólogos, biólogas, artistas e povos indígenas. Essa primeira experiência, organizada por Nathália Aranha e Susana Dias, inaugurou um pacto com a multiplicidade que eventos posteriores se desafiaram a honrar.

Na sequência, houve as duas edições da residência artística Perceber-Fazer Floresta, sendo a [primeira](#) na Amazônia em 2023 (com participação de Kellen Vilharva, Lilian Maus, Marina Guzzo, Sylvia Furegatti, Paulo Telles e Susana Dias) e a [segunda](#) em Campinas (com organização de Susana Dias, Marina Guzzo, Sylvia Furegatti (Unicamp), Paulo Telles, Kellen Natalice Vilharva, Lilian Maus, Alessandra Ribeiro, Claudia Baré e Emanuely Miranda). Em ambas ocasiões, buscou-se pensar junto e se conectar com cosmologias de povos tradicionais, como originários e quilombolas, dando atenção a gestos como cozinhar, montar, cantar, modelar, classificar, contar...



Citamos aqui os primeiros eventos, mas nos concentramos sobretudo nas residências artísticas mais recentes, a fim de compreender os desdobramentos das iniciativas da Rede no último ano e suas apostas em uma diversidade de perspectivas e práticas.

Nesse sentido, nas residências artísticas, científicas e comunitárias que organiza, a pesquisadora Valéria Cotaimich, que atua como professora na Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional de Córdoba e que se tornou uma das coordenadoras da Rede recentemente, defende a busca pelo relacionamento e pelo diálogo entre diversos conhecimentos e múltiplas experiências que se deflagram e se articulam na dimensão da comunidade. Diante disso, enquanto organizadora, recorre à comunhão entre ontoepistemologias indígenas; práticas campesinas; coletivos artísticos; coletivos socioambientais; instituições e organizações públicas. “Investimos em uma potencialidade transdisciplinar e intersectorial para promover encontros, reflexões, debates e aprendizados de ações orientadas a políticas e poéticas de cuidado, bem-estar e *bem viver*¹”, conta.

Valéria Cotaimich fala ainda sobre aquilo que se arrisca a nomear como potencialidade *(in)disciplinar*, cuja conceitualização diz respeito ao questionamento sobre o disciplinamento e o capitalismo e à sua maneira de funcionar, padronizar, explorar, destruir. Apostando na *(in)disciplinaridade*, as residências artísticas se desafiam a, conforme a pesquisadora acredita, pensar e praticar outras formas de disciplina, existência e conexão que apresentam outros potenciais epistêmicos e prezam por diálogos e alianças com a terra/Terra.

Assim, para este ano, Valéria Cotaimich propôs três residências artísticas, científicas e comunitárias: Cuidar un Rio es Cuidar Todos los Rios; Territorios-Tierra. Sembrar(nos) en conexión; Brotar(nos) y polinizar(nos) en primavera. A primeira ocorreu no primeiro semestre, a segunda aconteceu em agosto e a terceira está prevista para setembro.

No caso da residência Cuidar un Rio es Cuidar Todos los Rios, buscou-se o envolvimento com o Rio Chavascate a partir da imersão em laboratórios; com projetos de reserva hídrica; com obras e oficinas artísticas realizadas pela artista e pesquisadora Lílían Maus; com comunidades locais que trabalham pela proteção das águas. O evento contou, por exemplo, com a participação das seguintes iniciativas e instituições: Plataforma de Latinoamérica y El Caribe por la Justicia Climática; a Campaña Agua para Todxs, Agua para la vida de México; a Campaña Plurinacional por el agua de Argentina; Las Mujeres defensoras del Agua del Famatina; La Asamblea por la vida de Chilecito. Essa residência culminou na exposição de uma mostra na Casona Ismeria del Municipio de Agua de Oro.

¹ Ontoepistemologia elaborada a partir dos modos de existir e pensar de povos originários da América Latina



No caso da residência seguinte, nomeada como Territorios-Tierra:

Sembrar(nos) en Conexión e realizada no mês de PachaMama, afirmou-se a conexão com outras espécies como algo vital para a criação de mundos e futuros. Na ocasião, houve a realização de um ritual sob a sombra de uma árvore sagrada para povos originários. Houve ainda a fabulação do verbo *esporar* como potência criativa, que remete ao movimento das esporas. “*Esporá-nos* com outras pessoas, coletividades, comunidades e instituições de alcance local, nacional e internacional”, explica.

Para a terceira residência, prevê-se a parceria com comunidades e instituições das Malvinas Argentinas, onde existiu a tentativa de implantar um projeto com foco em sementes transgênicas e onde atualmente existe a ativação de práticas de reflorestamento em conexão com práticas educacionais e culturais.

Por serem realizadas desde um lugar de pesquisa, extensão e investigação na área da saúde, fomentando estratégias para uma promoção transdisciplinar, transcultural e transnacional da mesma, as residências têm a participação de pesquisadores do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas e Técnicas (Conicet) e lidam fortemente - conforme expõe o modo como Valéria Cotaimich experimentou para nomeá-las - com a dimensão científica.

Já no âmbito do INCT Mudanças Climáticas Fase 2, com o qual a Rede se envolveu desde 2016, realizou-se duas residências artísticas no primeiro semestre de 2025. A premissa de ambas consistia em visitar laboratórios do projeto em questão, conhecendo as pesquisas, as ferramentas e os procedimentos dos cientistas.

A residência [Afirmar Vidas](#), que foi organizada por Emanuely Miranda, Gabriel Cid, e Susana Dias e contou com a parceria e a participação do Setor de Cultura, Comunicação e Divulgação Científica e Cultural (Secult) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), propôs uma imersão no Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz) do campus de Manguinhos, com a intenção de pensar a intersecção entre saúde e clima a partir das pesquisas do Laboratório de Referência Nacional e Internacional/Regional OPAS/OMS de Vigilância Entomológica, Taxonomia e Ecologia de Vetores de Leishmanioses, coordenado pela pesquisadora Elizabeth Rangel, lidando com os negacionismos que assolam tanto as mudanças climáticas quanto as práticas de prevenção e tratamento de doenças.

O evento começou com rodas de conversas entre pesquisadores e pesquisadoras das humanidades no dia 9 de abril de 2025 na UFRJ. A primeira delas se desafiou a pensar em torno da saúde cósmica, investigando como artes e ciências podem ser articuladas como aliadas. A segunda



delas, por sua vez, se desafiava a conceber afirmações vitais na potência da intersecção entre ciências, culturas e terra/Terra. Já no segundo dia da residência artística, que se deu logo na sequência, [os.as.es](#) residentes se direcionaram à Fiocruz, onde escutaram palestras, visitaram o laboratório em questão e se dedicaram a atividades artísticas.

Essa residência buscou pensar com os mares, as ondas, as palavras, os corpos, os territórios e os vírus, bem como resultou na produção de três obras artísticas que se encontram já publicadas:

[Composições com o Mar](#); [Escritas cósmicas para afirmar a Vida](#); [Jogo de Ficção Fabulativa](#).

A Residência [Antecipar o Desastre](#), por sua vez, foi organizada por Susana Dias, Valéria Scornaienchi e Emanuely Miranda e apostou na relação com as nuvens e, para isso, se aproximou das práticas artísticas do ateliê serafina, bem como se interessou pelo trabalho realizado no Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden).

A pesquisadora Rachel Trajber, doutora em Antropologia e coordenadora do Cemaden Educação, e sua equipe atuaram junto à Rede para que a residência fosse possível. Ela defende a importância de parcerias como essa: entre artes e ciências, pois acredita que apenas uma ecologia de saberes - composta por conhecimentos técnicos, artísticos, populares e ancestrais - poderia lidar com a crise climática que, de acordo com suas palavras, diz respeito a um problema científico, social, político, ambiental e cultural.

Nesse sentido, a conexão entre artes e ciências tem a potência de mobilizar tanto aquilo que a pesquisadora chama de precisão científica quanto a sensibilidade e a criatividade, que são necessárias para fomentar a percepção sobre o tempo presente e a imaginação no que tange a criação de possibilidades de vida. Para ela, trata-se de algo que muito importa para ativar ação e esperança em tempos de catástrofes. “As linguagens artísticas têm a potência de ressignificar e ampliar o alcance dos dados científicos, que muitas vezes permanecem restritos a círculos técnicos ou acadêmicos. Quando um artista se aproxima de um laboratório ou de um procedimento científico, surgem outras formas de sensibilidade, narrativas e estéticas que revelam camadas ocultas dos fenômenos climáticos e dos riscos de desastres. Essa troca não diminui o rigor científico, pelo contrário, abre novos modos de percepção e engajamento social, fundamentais diante da complexidade da crise climática”, afirma.

As conexões não estão dadas

Susana Dias, pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), compõe a liderança da Rede desde sua criação e se envolveu com cinco das oito residências



artísticas que ocorreram nos últimos três anos. De acordo com ela, esses encontros - realizados também no âmbito da revista *Climacom* - nos engajam e nos sensibilizam em relação ao tempo de catástrofes que vivenciamos. “Apostamos na importância de práticas de diferentes pessoas, profissionais e grupos a fim de conseguirmos acessar conhecimentos e afetos com uma eficácia política de ação frente aos problemas do tempo presente”, revela.

Como torna-se possível notar, há um compromisso com a heterogeneidade que une as residências artísticas até agora realizadas. No entanto, Susana Dias alerta para duas questões. A primeira delas diz respeito ao fato de que, muito embora as relações entre disciplinas e ontoepistemes sejam tão urgentes quanto importantes, precisamos nos forçar a estarmos atentos e atentas para jogos de poder que não estamos isentos ou isentas de praticar e que manifestam, por exemplo, o racismo, a exclusão e uma representação demasiadamente esvaziada sobre seres, povos, saberes e lugares. A segunda delas, por sua vez, tem a ver com o fato de que cada residência artística apresenta seus próprios desafios, bem como suas próprias possibilidades.

A conexão entre artes, ciências, coletivos socioambientais, agências públicas e modos de viver e pensar tradicionais não está dada. É preciso apostar nela, experimentá-la e inventá-la insistentemente, assumindo que a interdisciplinaridade e até mesmo a transdisciplinaridade requerem desejos, afetos, engajamentos, dosagens e atenções. Nesse sentido, as residências artísticas se revelam como exercícios constantes de intenção, de criatividade e de cuidado que jamais se encerram e que precisam sempre se colocar disponíveis para tudo que ainda pode vir a ser.